

Porto Alegre Gráfica: Levantamento de aspectos gráficos no contexto urbano
Porto Alegre Graphic: Survey about graphic aspects in the urban context

Gabriel Gallina & Fabiano de Vargas Scherer

Paisagem urbana, Memória gráfica, Elementos gráficos urbanos, Porto Alegre

Esta pesquisa baseia-se no contexto urbano (percepção da cidade) e no contexto gráfico (memória gráfica) para registrar a paisagem urbana e seus elementos comunicacionais e informativos. Partindo da escala da rua, escolheu-se o Centro Histórico, bairro da cidade de Porto Alegre (RS), como recorte, sendo esse o mais antigo e com maior potencial de conter um acervo rico e diversificado de elementos gráficos urbanos. Após a aplicação de estratégias metodológicas dos estudos da paisagem urbana e da memória gráfica, e com ajuda da plataforma digital Invenstsys, que conta com tecnologia de georeferenciamento, os resultados identificam 13 categorias de registro relacionadas à arquitetura (ambientação, caixas de correio, ferragens e gradis, ornamentos, pisos e revestimentos) e à tipografia (grafites, iconografias do cotidiano, letreiros, placas/avisos e sinalização). O registro possibilita a identificação e documentação da memória visual, além da construção de uma gramática visual da cidade. O conjunto desses elementos ajuda a compreender a identidade do lugar (da rua, do bairro, da cidade) e a refletir sobre o contexto urbano e seus elementos gráficos, nas suas diferentes épocas.

Urban landscape, Graphic memory, Urban graphic elements, Porto Alegre

This research is based on the urban context (perception of the city) and the graphic context (graphic memory) to record the urban landscape and its communicational and informative elements. Starting from the street scale, the Historic Center, a neighborhood in the city of Porto Alegre (RS), was chosen as a cut-out for research, which is the oldest and with the greatest potential to contain a rich and diversified collection of urban graphic elements. After applying methodological strategies of urban landscape studies and graphic memory, and using the Invenstsys digital platform, which relies on georeferencing technology, the results identify 13 categories of records related to architecture (environment, mailboxes, fittings and railings, ornaments, floors and coating) and typography (graffiti, iconography, building signs, warning signs). Registration enables the identification and documentation of visual memory, as well as the construction of a visual grammar of the city. The set of these elements help to understand the identity of the place (the street, the neighborhood, the city) and to reflect on the urban context and its graphics, in their different eras.

1 Introdução

A percepção da imagem da cidade é moldada por elementos urbanos que influenciam nossa maneira de ver e lembrar um lugar (Lynch, 1997). Sua menor escala, cujo universo é a rua, deve ser valorizada como a escala humana por excelência, em que a cidade se oferece nas suas particularidades e riquezas. São detalhes genuínos que proveem experiências valiosas em si, acrescentando uma camada extra de valor para outras qualidades que a cidade também oferece (Gehl, 2013).

Assim como edifícios e monumentos, elementos gráficos devem ser reconhecidos como parte indissociáveis da cidade e seu patrimônio material, pois estes também são representativos da paisagem urbana (Brisolara, 2015). No âmbito da memória gráfica (Farias & Braga, 2018), pesquisar e publicar os elementos gráficos que contam a história de uma cidade é contribuir com a preservação de sua memória visual. Ao identificar elementos urbanos que se repetem nas ruas, registra-los fotograficamente ajuda na construção de uma gramática visual da cidade e também da compreensão de sua identidade. Como todo trabalho de documentação patrimonial, esta compilação organizada de elementos reduz o risco de sua

destruição e esquecimento. Configura-se, também, como uma reflexão sobre o tecido próprio das distintas épocas da cidade.

O International Institute for Information Design – IIID (2007) articula que o design da informação implica a definição, a planificação e a organização do conteúdo de uma mensagem e dos contextos em que é apresentada, com a intenção de alcançar objetivos específicos relativos às necessidades dos usuários. Para Sless (1998) o design de informação diz respeito ao relacionamento respeitoso entre pessoas e informações, e é motivado por uma profunda consideração pelo outro, pelo coletivo. Assim, a informação e o contexto onde está inserida, bem como suas relações com as pessoas/usuários, são importantes para a criação da identidade e a experiência que o espaço urbano pode proporcionar.

Os elementos gráficos desempenham importante papel nas experiências de interação e na constituição da paisagem construída, e, consequentemente, na formação de identidades visuais que, por extensão, ajudam a delimitar a identidade coletiva. Ainda assim, a história da configuração destes artefatos no Rio Grande do Sul e no Brasil como um todo, em particular anteriormente ao estabelecimento do campo acadêmico e profissional do design, foi assunto negligenciado por muitos anos (Leschko et al, 2014; Reis, 2015, Farias, 2017).

Relacionando o contexto urbano e seus elementos gráficos, aqui entendidos como as representações visuais com características comunicativas e informativas inseridos na paisagem urbana, dentro do campo do design da informação, tem-se a oportunidade de registrar e apreender tais manifestações na cidade de Porto Alegre (RS). Para tanto, foi escolhido o Centro Histórico como recorte para a pesquisa, pois o bairro corresponde ao início da colonização da cidade, sendo o mais antigo e com maior potencial de conter um acervo rico e diversificado de elementos gráficos urbanos.

A captação de conteúdo do projeto Porto Alegre Gráfica foi elaborada seguindo estratégias dos estudos sobre paisagem urbana e memória gráfica. As imagens foram captadas e catalogadas a partir de temas previamente organizados. Para isso utilizou-se o sistema Inventsys¹, plataforma digital de gestão de patrimônio urbano que foi adaptada para este levantamento cadastral. Originalmente desenhada para gerenciamento de chamados, ordens de serviço e monitoramento de mobiliário urbano das cidades, esta plataforma conta com tecnologia de georeferenciamento, o que permite aos interessados visitar in loco os elementos registrados.

A seguir apresenta-se uma breve contextualização sobre a percepção da cidade e a questão da memória gráfica, bem como o método aplicado e seus resultados.

2 Contexto Urbano: Percepção da cidade

A leitura da forma urbana ou do território pode se dar através de seus diferentes níveis, compreendidos por recortes ou partes identificáveis como unidades de análise. Lamas (1993) classifica estes níveis a partir de sua escala: Dimensão territorial, ou a escala da cidade; Dimensão urbana, ou a escala do bairro; e Dimensão setorial, ou a escala da rua.

Esta organização proposta por Lamas oferece diferentes lentes de análise da cidade. Embora nosso entendimento do que seja uma cidade esteja associado à sua dimensão mais ampla, é na sua escala menor que observamos a infinidade de elementos que, organizados entre si, costuram e definem a paisagem urbana (Lamas, 1993).

Para Cullen (1971) a paisagem urbana obedece a arte do relacionamento, o que significa a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente da cidade. Cullen observa a relação destes componentes enquanto tecido que desperta reações emocionais e de interesse no homem. Segundo o autor, isso pode se dar através de três aspectos: (i) Ótica: A paisagem urbana é captada a partir da experiência do deslocamento, seja percorrendo uma rua ou atravessando a cidade. Nela ocorre uma sucessão de surpresas que Cullen denomina como visão serial, em que a cidade emerge aos

¹ www.inventsys.com.br

olhos na medida em que vai sendo explorada; (ii) Local: A paisagem urbana nos provoca diferentes reações conforme nossa posição em seu espaço. Ambientes abertos ou fechados, amplos ou estreitos, longos ou curtos, uma vez que nosso corpo se relaciona instintivamente com o ambiente, o sentido de localização não pode ser ignorado; e (iii) Conteúdo: A paisagem urbana pode ser reconhecida através de tudo aquilo que lhe individualiza, como sua cor, textura, escala, estilo e natureza.

Se os dois primeiros aspectos tratam de percepções relacionadas à navegação na paisagem, neste último temos os componentes que lhe conferem o caráter peculiar. Cullen (1971) aponta para algumas categorias que atribuem identificabilidade, ou seja, a identidade inequívoca que possuem determinadas coisas, como acabamentos de paredes, texturas, cores, pavimentos, gradeamentos, guardas, letreiros de publicidade, monumentos e mobiliário urbano.

A escala de percepção destes elementos é a escala da rua. Observa-se aqui uma importante relação entre escala e os sentidos, em que distância e percepção estão profundamente conectadas. Para Gehl (2013), nosso campo social de visão se intensifica metro a metro, pois nosso aparelho sensorial é desenvolvido horizontalmente. Isto é, nossa visão e demais sentidos adaptaram-se ao longo da evolução para perceber o entorno de forma linear e horizontal, ao ritmo do caminhar. Segundo este mesmo autor,

A arquitetura de 5km/h baseia-se numa cornucópia de impressões sensoriais, os espaços são pequenos, os edifícios mais próximos e a combinação de detalhes, rostos e atividades contribui para uma experiência sensorial rica e intensa. (Gehl, 2013, p. 44).

Ou seja, nossa relação com a cidade se dá de forma mais íntima enquanto pedestres, experimentando o contato próximo com espaços como a rua, suas calçadas e andares inferiores dos edifícios. Tais aspectos reforçam a importância da leitura de pequena escala – ou escala do pitoresco – pois nos traz a possibilidade de emoção estética pela vivência da paisagem.

3 Contexto Gráfico: Memória gráfica

O termo gráfico(a) em português e espanhol está relacionado à impressão, mas também diz respeito a representações visuais, associado às qualidades materiais dos objetos (FARIAS, BRAGA, 2018). Neste contexto, memória gráfica pode ser entendida como uma linha de estudos que busca compreender a importância e o valor de artefatos visuais, em particular impressos efêmeros, na criação de um sentido de identidade local, mas não só, uma vez que o corpus de pesquisa da área abrange também artefatos tridimensionais em seus aspectos comunicativos e informacionais (Brisolara, 2015; Farias & Braga, 2018). Os autores colocam que a função comunicacional é um parâmetro importante na delimitação e identificação de temas de estudo para a memória gráfica.

O campo da memória gráfica se estabelece em torno do que a história do design tradicional abandonou (Lima, 2018), mas que contribui para o entendimento do que vem a ser a identidade do design brasileiro. Elementos/artefatos gráficos desempenham um papel importante na vida cotidiana, por meio de experiências comunicacionais e nossas interações com o entorno urbano (Farias & Braga, 2018). Um recorrido pelas ruas mostra a grande variedade de elementos gráficos contidos na paisagem urbana. (Sanchez, 2001).

Tais artefatos foram, por muito tempo, desprezados pelas correntes dominantes de ideias a respeito do que seria o design, e, conseqüentemente, sobre o que deveria fazer parte da história do design. Outras histórias do design, que levem em conta estes artefatos, ainda precisam ser descobertas e narradas. (Farias, 2017, p. 61).

Assim, como destacam Valor (2007) e Indij e Spehr (2008), o difícil exercício de distanciar-se, de identificar e registrar elementos no contexto urbano, que muitas vezes podem passar despercebidos no dia a dia, pode trazer à tona manifestações oficiais e vernaculares, autorais e anônimas, projetadas e espontâneas, dos elementos gráficos da paisagem urbana.

A memória gráfica compartilha interesses e métodos com campos de estudos mais estabelecidos, como cultura visual, cultura material e a história do design gráfico (Farias e Braga, 2018). Segundo os autores, os métodos utilizados são guias para procedimentos comuns da área: resgatar e preservar artefatos; classificar, registrar e organizar em acervos físicos e/ou digitais esses artefatos; interpretar significados; analisar elementos da linguagem visual, processos de criação, suportes materiais e meios de produção; e buscar entender a inserção social e cultural dos artefatos estudados nas sociedades. Sendo a memória gráfica um campo que lida com a questão do resgate e da preservação de artefatos, a constituição de um acervo pode constituir a própria finalidade da pesquisa.

Dentre os estudos da memória gráfica que contemplam o espaço urbano, destaca-se os referentes à paisagem tipográfica/tipografia nominativa/epigrafia arquitetônica (Gouveia et al, 2007; Farias et al, 2008, Salomon et al, 2009; Brisolara, 2015), ou mesmo do letreiramento popular (Finizola et al, 2013; Finizola, 2018), e elementos arquitetônicos (Rodrigues, 2018; Vasconcelos, 2018). A paisagem tipográfica é formada por um subconjunto de elementos gráficos presentes no ambiente urbano: os caracteres que formam palavras, datas e outras mensagens compostas por letras e números. Já os elementos arquitetônicos estão relacionados à questão da memória visual e do patrimônio histórico e cultural, representados pelos ladrilhos hidráulicos (revestimento artesanal feito à base de cimento) e os cobogós (elemento vazado de fechamento em edificações). Não nominado como memória gráfica, mas dentro do mesmo objetivo de registro e resgate, encontra-se também o trabalho de Cattani (2007) de levantamentos dos pisos/calçadas de Porto Alegre.

4 Métodos e Procedimentos

Por se tratar de uma área de pesquisa de recente interesse, não se encontrou uma metodologia consolidada. Assim, configurando-se como uma pesquisa exploratória, buscou-se apoio em algumas estratégias utilizadas para estudos da paisagem urbana (Cullen, 1971; Lamas, 1993) e da memória gráfica (Brisolara, 2015; Farias & Braga, 2018).

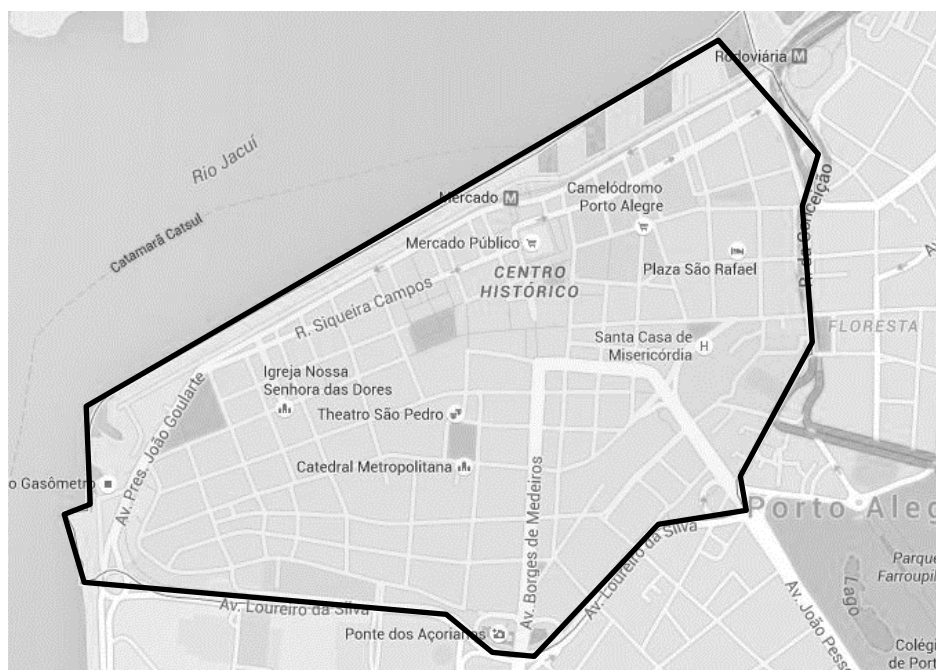
Neste contexto, o passo a passo da pesquisa realizada consistiu:

1. **Estudo de bibliografias com tema semelhante:** Análise de publicações que tratam de levantamento documental de aspectos gráficos urbanos, como Barcelona Gráfica (Sanchez, 2001), Santiago Gráfico (Valor, 2007) e Buenos Aires Fuera de Serie (Indij e Spehr, 2008);
2. **Predefinição de categorias de elementos gráficos urbanos que seriam buscados:** A partir da análise das publicações acima citadas, foi elaborada uma listagem prévia de categorias para organização da catalogação das imagens;
3. **Configuração da plataforma de levantamento Inventsys:** Ajuste de parâmetros do sistema para *input* de dados a partir das categorias, considerando sua classificação, endereçamento e captação de imagem no instante do levantamento;
4. **Levantamento piloto:** Percurso experimental de uma rua aleatória dentro do Centro Histórico. Foram percorridos 1,6km em 6h. Este levantamento contemplou o manuseio e facilidades da plataforma de georeferenciamento Inventsys em um aplicativo para dispositivo móvel, assim como trouxe referencial de tempo e distância percorrida peculiares deste tipo de pesquisa;
5. **Revisão das categorias:** A partir do experimento piloto, se eliminou algumas categorias que não fizeram sentido e acrescentaram-se outras que antes não haviam sido aventadas;
6. **Planejamento de visitas a campo:** Por uma questão de praticidade e comodidade, definiu-se realizar os levantamentos sempre aos domingos pela manhã, em trajetos que durassem até 3h;
7. **Realização de levantamento *in loco*:** Percurso a pé das ruas que integram o bairro Centro Histórico (Figura 1), buscando elementos gráficos no seu contexto urbano,

como fachadas, pisos e ruas. Identificação de elemento e captação de imagem, através do aplicativo em um smartphone. Categorização do elemento e confirmação de seu endereço exato por geolocalização. Ao final do dia, transcreviam-se para um mapa físico as ruas percorridas, o tempo demandado e a quantidade de imagens captadas;

8. **Conferência dos dados:** Confirmação das imagens captadas na plataforma virtual, visando assegurar o upload completo; e
9. **Organização final:** Após a conclusão total do levantamento, foi feito o download de todo o acervo de imagens. Estas imagens foram renomeadas com o seu endereço e organizadas em pastas de acordo com as categorias pré-definidas.

Figura 1: Abrangência do levantamento. Fonte: Os autores.

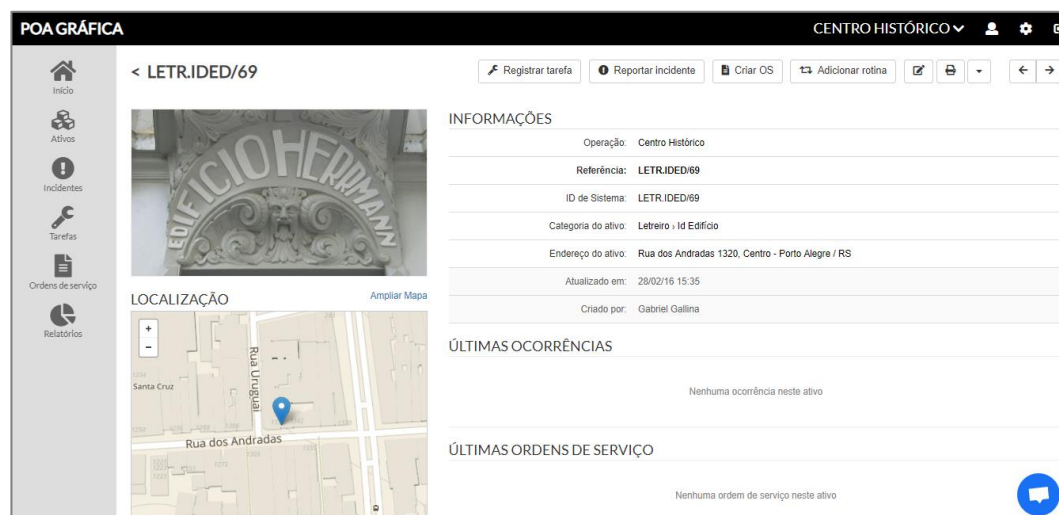


Ao final foram percorridos 33,8km em 51,5h, divididos em 21 dias entre 7 de fevereiro e 18 de setembro de 2016, resultando em 2084 captações de imagem. Uma média diária de 99,2 imagens a cada 1,6km, realizado em 2,5h.

Cada registro era feito seguindo um roteiro padrão, em que (i) se identificava o motivo de interesse da pesquisa; (ii) fotografava em posição frontal, evitando perspectivas; (iii) rotulava sua categoria e subdivisão; e (iv) conferia o endereço apontado automaticamente pelo mapa gráfico no geolocalizador do próprio aplicativo. A plataforma Inventsys armazenava então os dados do registro feito, com data, hora e autor da captação (Figura 2).

Inventsys é um produto da empresa gaúcha de mesmo nome, criada em 2015 por um designer e um analista de sistemas, e tida como uma das 15 melhores soluções para *smart cities* do mundo pelas equipes dos laboratórios de pesquisa da IBM Global (Inventsys, 2017). Originalmente pensada como uma plataforma de gestão de ativos voltada para o controle de patrimônio urbano da cidade, Inventsys atualmente é customizável para diversas situações e permite colaboração integrada.

Figura 2: Tela de registro de um item na plataforma Inventsys. Fonte: Inventsys



5 Resultados

Os registros compreenderam todas as ruas do bairro Centro Histórico e abarcaram 13 categorias (abaixo, em ordem alfabética), com 33 subdivisões, que abrigam 2084 imagens:

1. **Ambientação:** Painéis pintados ou esculpidos em paredes e muros, elaborados com o propósito de ambientar uma fachada. Esta categoria dividiu-se em murais e pinturas. Foram levantadas 27 situações.
2. **Caixa de correio:** Elemento de fachada (artefato ou simplesmente uma reentrância caracterizada como tal) com função de armazenar correspondências. Foram levantadas 41 situações.
3. **Ferragem:** Elementos relacionados às esquadrias que integram uma fachada, como maçanetas, tramelas e dobradiças. Foram levantadas 23 situações.
4. **Gradil:** Elementos metálicos para fechamento e proteção de vãos de acessos, portas e janelas. Foram levantadas 123 situações.
5. **Grafite:** Intervenções espontâneas e não previstas em fachadas. Esta categoria dividiu-se em adesivos, murais, pichação e estêncil. Foram levantadas 121 situações.
6. **Iconografia do cotidiano:** Ícones e grafismos relacionados a aspectos da vida cotidiana, comumente associados a algum serviço ou comércio. Esta categoria dividiu-se em alimentação, comércio, esporte, profissão, religião, transporte e vestuário. Foram levantadas 63 situações.
7. **Letreiro:** Elemento tipográfico de identificação de um determinado edifício. Esta categoria dividiu-se em Identificação comercial, Identificação de edifício e manuscritos. Foram levantadas 799 situações.
8. **Número:** Elemento que identifica o número do endereço de uma edificação. Foram levantadas 163 situações.
9. **Ornamento:** Elemento agregado ou aplicado na fachada, como adorno arquitetônico referente a um determinado estilo ou época. Esta categoria dividiu-se em detalhe arquitetônico, emblema (data, escudo e monograma), estátua, fauna, flora, figura humana e frontão. Foram levantadas 302 situações.
10. **Piso:** Acabamentos de piso. Esta categoria divide-se em calçamento e tampa de bueiro. Foram levantadas 145 situações.

11. **Placa/Aviso:** Elemento aplicado em fachada. Esta categoria dividiu-se em aviso, homenagem, identificação e manuscrito. Foram levantadas 162 situações.
12. **Revestimento:** Acabamentos de fachadas. Esta categoria dividiu-se em azulejo, mosaico e pastilhas. Foram levantadas 54 situações.
13. **Sinalização:** Elemento urbano com função de regulamentar, orientar e informar. Esta categoria dividiu-se em placa de rua e placa viária. Foram levantadas 59 situações.

Abaixo seguem alguns registros fotográficos que exemplificam as categorias Grafite (Figura 3), Iconografia do cotidiano (Figura 4), Letreiro (Figura 5), Número (Figura 6), Ornamento/Figura Humana (Figura 7), Piso/Calçamento (Figura 8), Placa/Aviso (Figura 9) e Sinalização (Figura 10).

Figura 3: Categoria Grafite. Fonte: Acervo da pesquisa.

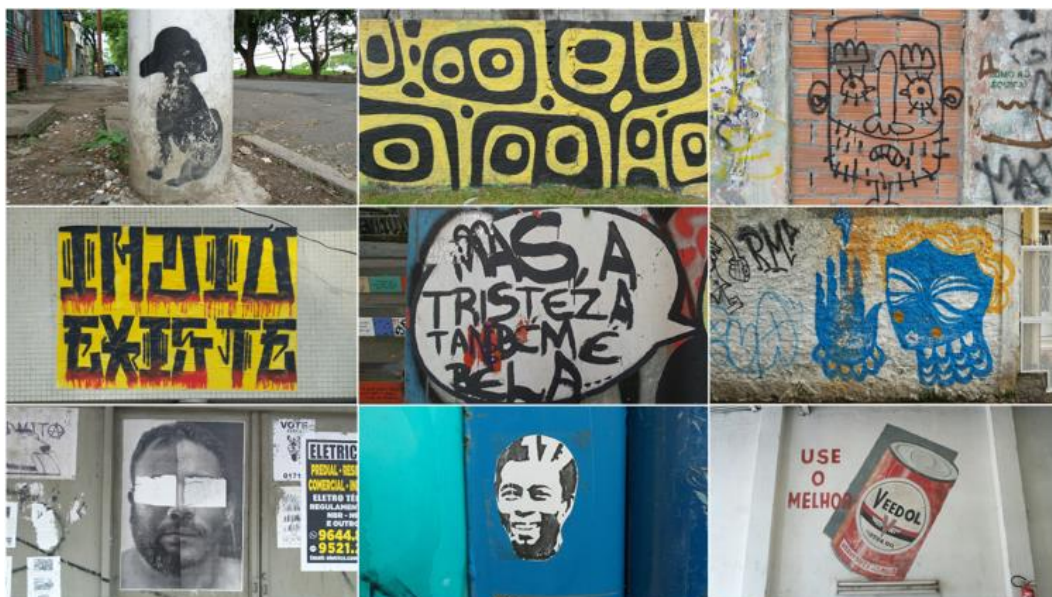


Figura 4: Categoria Iconografia do Cotidiano. Fonte: Acervo da pesquisa.



Figura 5: Categoria Letreiro. Fonte: Acervo da pesquisa.



Figura 6: Categoria Número. Fonte: Acervo da pesquisa.



Figura 7: Categoria Ornamento/Figura humana. Fonte: Acervo da pesquisa.

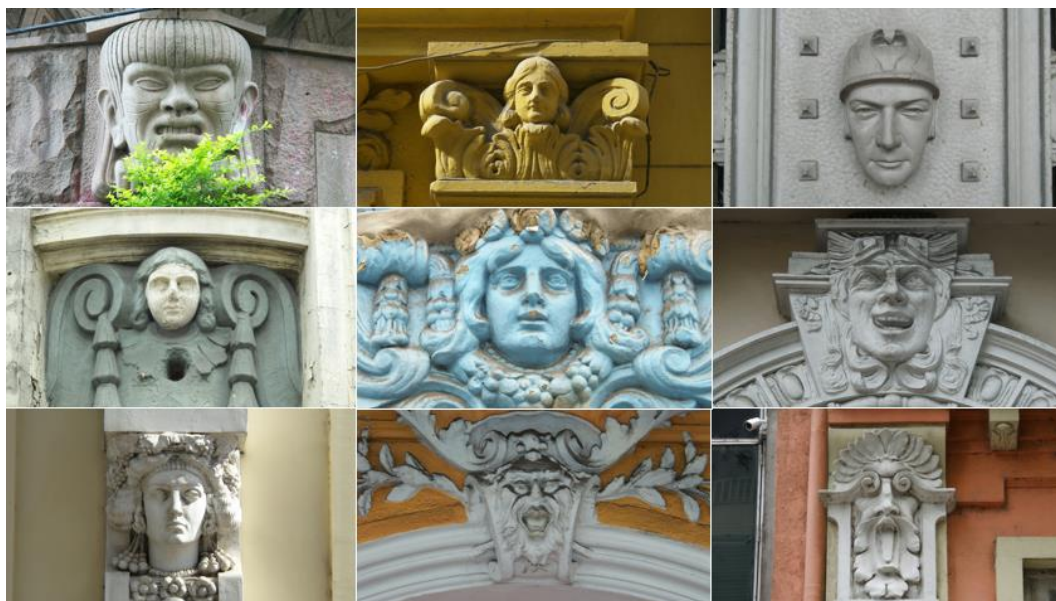


Figura 8: Categoria Piso/Calçamento. Fonte: Acervo da pesquisa.



Figura 9: Categoria Placas/Aviso. Fonte: Acervo da pesquisa.



Figura 10: Categoria Sinalização. Fonte: Acervo da pesquisa.



Todo o acervo coletado mantém-se online na plataforma Inventsys, de modo que é possível expandi-lo ou complementá-lo. A plataforma também possibilita criar filtros de visualização destas captações (Figura 11), além de permitir a criação de roteiros personalizados de visitação ou a simples identificação de itens conforme o interesse do usuário (Figura 12).

Figura 11: Tela com relatório dos registros categorizados como Ornamento>Emblema>Data. Fonte: Inventsys.

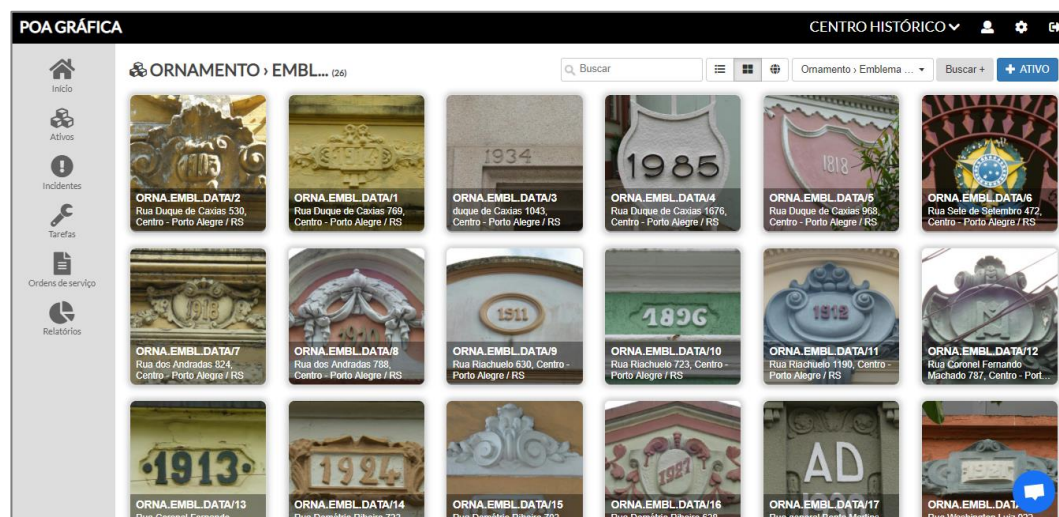
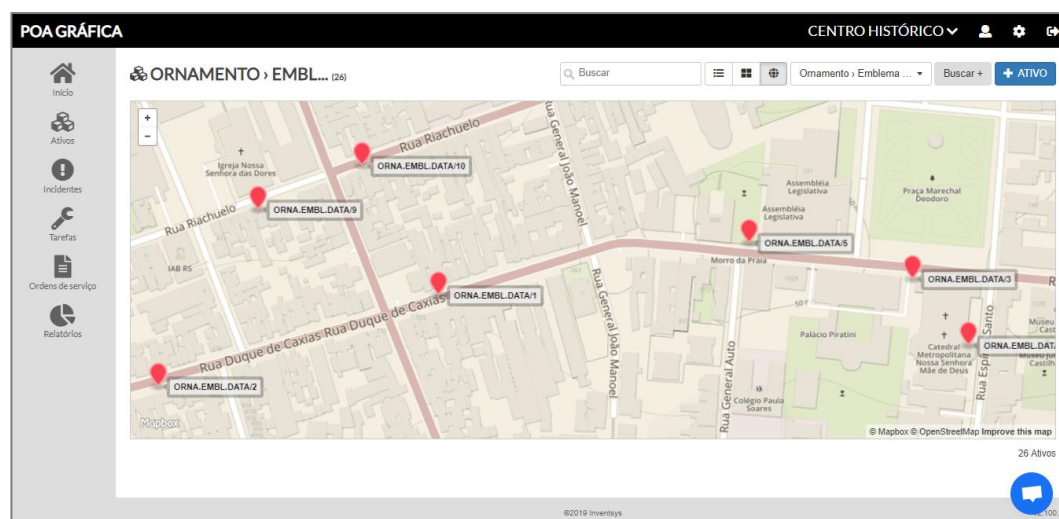


Figura 12: Tela com mapa de localização de registros categorizados como Ornamento>Emblema>Data. Fonte: Inventsys.



No contexto urbano, enquanto percepção da cidade, paisagem urbana, esta pesquisa se propôs a explorar a dimensão setorial, a escala da rua e os elementos comunicacionais e informacionais que a compõe. No contexto gráfico, enquanto da memória gráfica, memória visual, esta pesquisa objetivou registrar e valorizar os elementos comunicacionais e informacionais. Ambos os contextos estão relacionados com a identidade do lugar (da rua, do bairro, da cidade), com suas características peculiares, e potencializam as leituras que podem ser feitas a partir de tais elementos (das partes para o todo e do todo para as partes).

Assim, entendendo elementos gráficos como representações visuais com características comunicativas e informativas, fez-se o registro de elementos tanto mais relacionados à arquitetura (ambientação, caixas de correio, ferragens e gradis, ornamentos, pisos e revestimentos) quanto à tipografia (grafites, iconografias do cotidiano, letreiros, placas/avisos e sinalização). O conjunto destes elementos ajuda a formar a identidade do lugar e também a propiciar experiências no contexto urbano, pois como observa Cullen (1971), a relação desses elementos, suas cores, texturas, escalas, estilos e naturezas, desperta reações emocionais e de interesse nas pessoas.

6 Conclusões

O resultado desta pesquisa apresenta uma sólida base de dados organizada em formato digital. Neste sentido, a plataforma Inventsys conferiu determinadas facilidades no processo e manuseio deste acervo. O ato de captura de um item, sua catalogação e abastecimento do sistema ocorrem instantaneamente, poupando tempo e desocupando o pesquisador de processos posteriores de análise e organização. A plataforma permite, ainda, constante abastecimento e rápida atualização do banco de dados. Embora tenhamos optado pelo processo de levantamento individual, é possível afirmar que se feito de forma colaborativa – alternativa que a plataforma também permite – com uma equipe de pesquisadores, o trabalho seria realizado em menor tempo.

É importante trazer que, durante o processo, algumas categorias que eram esperadas acabaram não surgindo, como por exemplo a ocorrência de epígrafes arquitetônicas, quase inexistentes. Por outro lado, percebemos um grande valor no trabalho de ferragens e gradis metálicos existentes, categoria que emergiu ao longo do percurso piloto. Diante dos achados podemos observar que, quantitativamente, alguns temas se sobressaem a outros. Temos uma grande quantidade de letreiros, ornamentos, números e placas, por exemplo, mas poucas manifestações de ambientação. Se esta leitura dos detalhes urbanos corresponde aos aspectos peculiares que conferem as características de uma rua, por exemplo, nos perguntamos: seria possível identificar a personalidade de cada bairro?

Seja qual for nosso olhar, vemos que o projeto permite ampla possibilidade de leituras e futuros desdobramentos, tais como livro de fotografias, como documento gráfico do patrimônio da cidade, como um guia turístico, e como manual de consulta de soluções gráficas para designers, tipógrafos, artistas e arquitetos. Além disso, apresenta utilidade indireta como compilação de referências urbanas toponímicas, linguísticas, sociológicas, comerciais e históricas.

Por fim, observamos que esta pesquisa é um trabalho em aberto. Outras possibilidades para sua ampliação e sequência surgem a cada nova leitura de seus resultados, assim como também emergem ideias para aplicações dos procedimentos metodológicos aqui usados em outras situações e contextos. É possível sugerir tanto a continuação e complementação deste trabalho, com o acréscimo de outros bairros de Porto Alegre, bem como da aplicação deste projeto em outras cidades.

Referências

- Brisolara, D. V. (2015). Paisagens Tipográficas Pelotenses: levantamento inicial do acervo e algumas definições metodológicas. *InfoDesign - Revista Brasileira de Design da Informação*. 12(2), pp. 209 – 221.
- Cattani, A (2007). *Olhe por onde você anda: Calçadas de Porto Alegre*. Porto Alegre, UFRGS.
- Cullen, G. (1971). *Paisagem urbana*. São Paulo: Martins Fontes.
- Farias, P. L.; Gouveia, A. P. S., Pereira, A. L. T., Gallo, H., & Gatto, Patrícia S. (2008). Técnicas de mapeamento aplicadas ao estudo da epigrafia arquitetônica. *InfoDesign - Revista Brasileira de Design da Informação*. 5(2), pp. 1 – 20.
- Farias, P. L. (2017). Acerca del concepto de memoria gráfica. *Bitácora Urbano Territorial*, 27(4), Esp, pp. 61-65.
- Farias, P. L., & Braga, M. C. (2018). O que é memória gráfica? In Farias, P., & Braga, M. C. (Orgs.). *Dez ensaios sobre memória gráfica*. São Paulo: Blucher.
- Finizola, F., Coutinho, S., & Santana, D. (2013). *Abridores de letras de Pernambuco: um mapeamento da gráfica popular*. São Paulo: Blucher.
- Finizola, F. (2018). A tradição do letreiramento popular em Pernambuco. Em Valadares, P. (Org.). *Memória Gráfica do Agreste*. Recife, CEPE.

- Gouveia, A. P. S., Pereira, A. L. T., Farias, P. L., & Barreiros, G. G. (2007). Paisagens Tipográficas: lendo as letras na cidade. *InfoDesign - Revista Brasileira de Design da Informação*. 4(1), pp. 1 – 11.
- Indij, G., & Spehr, D. (2008). *Buenos Aires fuera de serie*. Buenos Aires: La marca.
- International Institute for Information Design – IIID (2007). *idX Core Competencies*. What information designers know and can do. Wien (Austria): IIID.
- Inventsys abre empresa na Suíça (2017). *Revista Amanhã*. Disponível em <http://www.amanha.com.br/posts/view/4665/inventsys-abre-empresa-na-suica> Acessado em julho de 2019.
- Lamas, J. M. R. G. (1993). *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Portugal: Calouste Gulbenkian.
- Leschko, N. M., Damazio, V. M., Lima, E. C., & Andrade, J. M. F. (2014). Memória Gráfica Brasileira: Notícias de um Campo em Construção. *Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design* [Blucher Design Proceedings, 1(4)]. São Paulo: Blucher, pp. 791-802.
- Lima, E. C. (2018). Impressões sobre a Memória Gráfica do Agreste. Em Valadares, P. (Org.). *Memória Gráfica do Agreste*. Recife, CEPE, 2018.
- Lynch, K. (1997). *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Reis, S. R. (2015). Um olhar do design gráfico sobre memória, efêmeros e afeto: delineando a memória gráfica brasileira. In De Jesus, S. (Org.). *Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos*. Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV.
- Rodrigues, J. (2018). Cobogó de Pernambuco. In Valadares, P. (Org.). *Memória Gráfica do Agreste*. Recife, CEPE.
- Salomon, C. A. X., Gouveia, A. P. S., & Farias, P. L. (2009). Fichas de pesquisa de campo para estudo da tipografia nominativa na arquitetura carioca. *InfoDesign - Revista Brasileira de Design da Informação*, 6(2), pp. 7 – 15.
- Sanchez, A. (2001). *Barcelona gráfica*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Sless, D. (1998). *Why do information design?* Melbourne: Communication Research Institute. Disponível em <<http://communication.org.au/why-do-information-design/>>. Acessado em: 18 ago. 2014.
- Valor, J. F. S. (2007). *Santiago gráfico*. Santiago de Chile: Midia Comunicación.
- Vasconcelos, C. B. (2018). Preservar para Inovar. Em Valadares, P. (Org.). *Memória Gráfica do Agreste*. Recife, CEPE.

Sobre o(a/s) autor(a/es)

Gabriel Gallina, Me., ULBRA, Brasil <arq.gallina@gmail.com>

Fabiano de Vargas Scherer, Dr., UFRGS, Brasil <fabiano.scherer@ufrgs.br>